

TEATRO DE COMÉDIA

UMA ROSA SEM PERFUME -

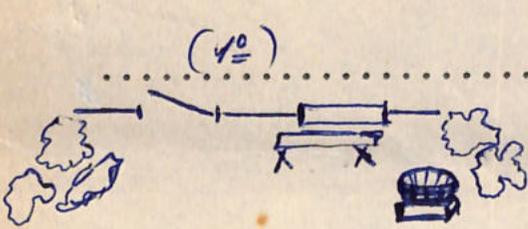
ORIGINAL EM - 3 ATOS DE

ERICO CRAMER

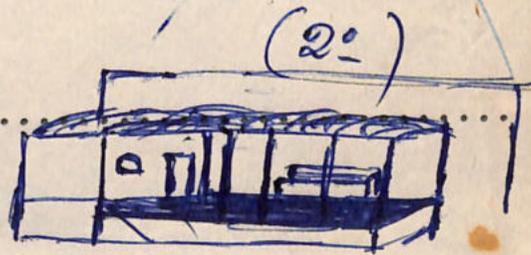
Handwritten signature/initials in blue ink.

DISTRIBUIÇÃO :

x	CHEFE DA ESTAÇÃO.....	<i>J. C. Stabile</i>	Vinicius Salvadori ou J. H. Rosa
	ANACLETO.....	<i>Eleu Salvador</i>	Dorival Cabrera ou Eleu Salvador
	ROSINHA.....	<i>Martina Nery</i>	Martina Nery ou Maria Luiza
	ALMERINDA.....	<i>Maria Yeda</i>	Maria Yeda ou Odete Barros
	TICO.....	<i>Odilon Lopes</i>	Odilon Lopes ou J. C. Stabile
	PALMIRA.....	<i>Juracy Puto</i>	Linda Gay ou Juracy Puto
	CLEMENTINO.....	<i>Nelson Silva</i>	Nelson Silva
	CATARINA.....	<i>Odeth Barros</i>	Maria Luiza ou Odeth Barros
x	MILTON.....	<i>Júlio Flavio</i>	Júlio Flavio ou Guay Emuãds
	ADELIA.....	<i>Jane Maria</i>	M. Luiza ou J. H. Rosa



CENÁRIOS:



1º) - SET DE RANCHO DE TAIPA, COBERTO DE PALHA, COM PORTA, JANELA e um terreiro na frente com banco tosco, tronco, barril, etc. Árvores em ambos os lados do rancho. (FACHADA)

2º) - SET DE PEQUENA ESTAÇÃO DO INTERIOR COM GUICHÊ E A PARTE DE espera para o público sobre praticável, com cobertura de zinco e banco tosco para espera. PAINEL DE ESTRADA DE FERRO NO FUNDO. Há também uma porta de acesso da parte da estação para a parte de espera.



3º) - QUARTO DE PENSIONATO DE MOÇAS, PARA DUAS PESSOAS, COM JANELA COM VENEZIANA NO CENTRO DA PAREDE DO FUNDO, ou seja, entre as duas camas. PAREDES LISAS À DIREITA E ESQUERDA E FUNDO DE ÁRVORES, ATRAZ DA JANELA.

4º) - RECANTO DE JARDIM, COM BANCO E CARAMANCHÃO. ÁRVORES.

DATA DA APRESSNTAÇÃO.....

GETÊS - (Os de costume)

ABERTURA em DET. de VIOLÃO nas mãos de CLEMENTINO, preto velho que está sentado no banco ou num tronco, à frente do rancho de taipa. NA janela, ouvindo o violão está ROSINHA, na porta, fazendo o mesmo, PALMIRA, com uma caneca de café e um pedaço de pão.

SET DE RANCHO DE TAIPA

ÁUDIO - PREFIXO MUSICAL

VIOLÃO - SOLO DO LUAR DO SERTÃO

ILUMINAÇÃO - NOITE DE LUAR COM BASTANTE CONTRASTE.

DEPOIS DO VIOLÃO ESTAR TOCANDO ALGUNS MOMENTOS E A CÂMERA PEGAR CADA UM ISOLADAMENTE E DEPOIS UM EFEITO DO CONJUNTO, O VIOLÃO PARA.

VIOLÃO - PARA A MÚSICA MAS NÃO EM MEIO.

CLEMENTINO - Pronto, Rosinha. Tá sasti-feita?

ROSINHA - Ara, Crementino, que pena!... Ocê já vai pará? Tava tão bunito! Toca mais pra gente uvi.

CLEMENTINO - Toca, nada, Rosinha. Tá é na hora da gente drumi.

ROSINHA - Tá, nada, Crementino. É muito cedo ainda. Agaranto que nem num são deiz hora.

CLEMENTINO - Xege que xege, ariessa. Suncê se insquece que aminhã de minhã, bem cedinho, o trabaio tá lá memo insperando a gente?

ROSINHA - Isso num qué dizê nada, Crementino. Ele tombem tá insperano eu e eu nem me avexo.

CLEMENTINO - É que suncê é moça, tem mais corage e mais força pra riegí. Agaranto que nhá Parmira já tá com vontade de oiá pra drento. Num tá?

PAMIRA - Bão, qué dizê... Eu tava gos-
tando de uvi suncê tocá, mas que eu tô
cansada do trabaio eu tô. Lavei duas trou-
xa de roupa, hoje. Tô cos braço munto sa-
cramado, munto delorido.

CLEMENTINO - Tá vendo, Rosinha? As pessoa
que trabaia como nhá Parmira, percisa dru-
mi mais cedo.

CLEMENTINO SE LEVANTA COM O VIOLÃO NA MÃO.

ROSINHA - Eu passava a noute interinha #
uvindo ocê tocá, Crementino. Gosto tanto
que nem sei. Chega inté a fazê pelotinha
na pél dos braço.

CLEMENTINO - Brigado, mas o nêgo véio tom-
bem tem que andá que os pelêgo tão lá no
garpão insperano ele.

PALMIRA - É, Crementino, ocê tombem perci-
sa adescansá que ocê trabaia munto.

CLEMENTINO - Que é que a gente vai fazê?
Quem é pobre, se não trabaia, num véve.

ROSINHA - Num me fale em sê pobre que eu
chego a tê réiva de Deus Nosso Sinhô.

CLEMENTINO - (benzendo-se) Credo em cruz,
minha fia.

PALMIRA - (zangada, forte) Minina! Isso é
geito de falá, Rosinha?! Ocê num tem medo
dum castigo?

ROSINHA - Ara, castigo! Qué castigo maió
que a gente sê pobre?!

PALMIRA - Cala de dizê bestera pula boca
a fora, diabo. Caminha lá pra drento, anda.

ÁUDIO - LATIDAS DE CACHORRO A ALGUMA DIS-
TANCIA.

CLEMENTINO - Uai, gente, vem chegando ar-
guem na portera. Quem será?

PALMIRA - (gritando para a câmara) Para com essa gritaria, Batoque. A gente já sabe que vem gente. Tú já avisô. Para com esse larido Batoque, tú num ouve? É cusco bem novento es se diabo. Nunca vi, pra fazê tanto baruido, como esse sarnoso.

ALMERINDA - (afastada) Ó de casa!

ROSINHA + Credo em Cruz! É a vóis da Arme rinda, mãe!

PALMIRA - A Armirinda? Nessa hora da noute?

CLEMENTINO - É... tombem me pareceu que é
• ela.

PALMIRA - Que terá acunticido, meu Deus?!

ALMERINDA - (um pouco mais perto) Ó de casa!

ROSINHA - É ela, sim, ó. (projeta) Entra Ar mirinda, quagi que tú pega a gente nas páia.

PALMIRA + (meia voz) Nossa Senhora dos Afri-
to! Que será que essa rapariga vem fazê?

ALMERINDA ENTRA PELA CÂMERA, UM POUCO ARFANTE.

ALMERINDA - Bas noute pra sunceis.

OS TRES - Bas noute, Armirinda.

PALMIRA - Que acunteceu?

ALMERINDA SENTA NO BANCO, OFEGANTE E CANSADA

ALMERINDA - Uma cousa... munto horrive.

PALMIRA - Nossa Senhora!

CLEMENTINO - Deus de Misiricórdia!

ROSINHA - Que foi, Armirinda, fala.

ALMERINDA - Pera um mucado... eu tô cansada
... vim quagi correndo...

PALMIRA - Fala logo, Armirinda, tú num vê
que afrége a gente?

ALMERINDA - Eu vim... avisá pra meceis...
que o Coroné Paminonda... Ai!... eu tô munto
cansada, tenho que adiscansá um mucado, pra
pudê falá...

PALMIRA - O que é que tem o Coroné Paminonda Armerinda? Diz.

ALMERINDA - Eu vim... tão digêro... de lá do rancho... inté aqui... que acho... que nem levei... deiz minuto... Tô butando... o ovejro pra fora...

PALMIRA - Fala, muié! O tempo que tú tá dizendo outras cousa, diz logo o que aconteceu

ALMERINDA - Eu vou dizê... eu âigo...

ROSINHA - Tú tá pra dizê dêis que chegô e aindanum disse.

CLEMENTINO - É vredade! Diz logo o que aconteceu com o Coroné Paminonda, minina.

ALMERINDA - O Coroné Paminonda... bateu a rapadura.

AUDIO - ACORDE DE PAULADA MUSICAL

PALMIRA - O que é que ocê tá dizendo que eu num intindi dereito?

ALMERINDA - Que o Coroné Paminonda bateu a rapadura.

PALMIRA - Que é isso, menina, inda que mal prigunte?

ROSINHA - A mãe não sabe o que é. A Almerinda tá dizendo, mãe, que o Coroné Paminonda virou comida de minhoca.

AUDIO - REPETE O ACORDE ANTERIOR.

PALMIRA - Morreu, é que tú qué dizê?

ROSINHA - Isso memo.

PALMIRA - Morreu o coroné Paminonda, Armerinda? Tu tem certeza?

ALMERINDA - Tenho, ariessa! Pois num faiz nem meia hora forum lá no rancho buscá o pai, pra i na vila mandá fazê o caixão.

CLEMENTINO - Credo em cruz! Tá aí um manda leite que eu num gosto de fazê.

PALMIRA - Ari veja, o coroné Paminonda! E

PALMIRA - (CONT.) o que foi que deu nele, tu num sabe?

ALMERINDA - Disse que deu uns borbuio a qui no peito - lá nele - que o home come çô a roncá e a corcoviá em riba dos pele go e di repente foi arrevirando os óio... arrevirando os óio... arrevirando os óio ... e passô.

CLEMENTINO, PALMIRA E ROSINHA SE BEMZEM JUNTOS

PALMIRA - Que Deus tenha êle na santa paiz!

ALMERINDA - Disse que foi tudo tão digê ro, que quando se dero bem conta, o cujo já tinha passado pro lado de lá.

CLEMENTINO - Coitado do Coroné! Era home de pocas conversa, mas porem era boa arma

PALMIRA - Quem deve de tá munto triste é o Nacreto.

CLEMENTINO - Pois é. O Nacreto era como fio dele, bem dizê. Adonde o veio ia, ia o Nacreto de atraiz.

ALMERINDA - Pois o véio num tinha ninguem se garrô no Nacreto.

ROSINHA - (ar de pouco aso) Diz que alim pava intê as bota do véio.

ALMERINDA - E diz que o Nacreto é que vai ficá de dono das terra do Coroné, tudo.

PALMIRA - (admirada) O Nacreto?!...

ALMERINDA - Ele, sim e foi por isso que eu vim digero, mode avisá isso pra Rosinh

ROSINHA - Pra mim? Ari gente, pru que?!

ALMERINDA - Pruquê mecê podia querê i lá, aconsolá o Nacreto.

ROSINHA - Que bobage é essa agora, Armie rinda? Mecê sabe que eu num gosto dos ar reganho do Nacreto pro meu lado. Que nun ca gostei.

ALMERINDA - Eu sei, Rosinha, mas o causo é que agora o Nacreto vai sê rico. Mecê num divia se insquecê disso.

PALMIRA - (interesseira) É minha fia, a Armirinda tem razão. Mecê num tava tão disisperada de sê pobre, num faiz munto? Pois êle agora vai ficá de dono da instância do Coronê Paminonda.

CLEMENTINO - Suncê num vêve dizendo que tinha vontade de saí do meio do mato?

ROSINHA - E mecê pensa que o Nacreto era home pra deixá o campo e i morá na cidade? Era mais fárci um burro avuá ou uma vaca bu tá ôvo.

PALMIRA - Eu num digo que êle fôsse deixá o campo, mas si ocê quizesse, dispois de se casá cum ele, passava um mucado do tempo aqui e um mucado lá. Já num dava pra se burrecê tanto, né mêmô?

CORTE

P.P. de ROSINHA, olhar de cobôça

ROSINHA - Bão, isso é... Quando a gente va reia um mucado, já num sente tanto.

PALMIRA - Puis antão?

CORTE

P.M. de TODOS

ALMERINDA - Agaranto que se tú dissé pra êle que tú só te casa cum êle si êle te deixá tu i morá na cidade, que ele deixa na me ma hora.

CLEMENTINO - Inscuita aqui, minha fia, o nêgo véio pode metê a cuié toltá na cunvelsa? Si bem que êle num foi priguntado.

PALMIRA - Num faiz má. Pode diê o que ocê quizé.

CLEMENTINO - Rosinha, minha fia, se alembre que suncê num gosta do Nacreto e vêve dizendo que o home tem cara de pateta.

ROSINHA - Mas si êle tem memo, o que é que tem que eu diga?

APROXIMAÇÃO até G.P. de ROSINHA, olhando longe, os olhos acêsos de cobiça.

FUSÃO com: G.P. de ANACLETO, sentado num canto da mesma cena, outro ângulo, enrolando um lenço nas mãos, atrapalhado - OUTRO CANTO DO MESMO CENÁRIO

CLEMENTINO - Tem que se ocê se casá com ele sem gostá, só pru causa do dinheiro que êle vai arrecebê, que é uma cousa munto pigriosa. Suncê num tem o direito de inganá os ôtro. Deus Nosso Sinhô num gosta e castiga. Veje lá.

ROSINHA - Maió castigo do que ~~vive~~ do geito que eu vivo, ele num pode me dá!

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL.

ILUMINAÇÃO E VIDEO - MANHÃ DE BASTANTE SOL

ANACLETO ESTÁ RISONHO, MAS ACANHADO E NERVOSO.

ROSINHA MOSTRA IMPACIENCIA. ELA CHEGA PARA PERTO DELE E ELE NA MESMA HORA SE AFASTA.

ROSINHA - Fala, Nacreto.

ANACLETO - Não tenho coráge. (risinho)

ROSINHA - Não tem corage praquê? Ocê num é home?

ANACLETO - Bão, qué dizê... Home eu sô, mas o causo é que sô medroso. (risinho)

ROSINHA - (impaciente) Fala, Nacreto. Faiz mais de meia hora que eu tô esperano e tú num disimbuxa.

ANACLETO - Eu num tenho corage, Rosinha.

ROSINHA - Tú num disse pra Armirinda que tú quiria falá cumigo?

ANACLETO - Disse. (risinho)

ROSINHA - E tú tem memo alguma cousa pra falá cumigo?

ANACLETO - Tenho. (risinho)

ROSINHA - E nesse causo praquê tú num fala, em veiz de tá aí enrolando os dedo?

ANACLETO - Pruquê eu num tenho corage.

ROSINHA - E pruquê tu num tem corage?

ANACLETO - Pruquê eu tenho vregonha.

ROSINHA - Vregonha é robá, ariessa! Tú num vai dizê cousa feia; tu vai?

ANACLETO - (risinho) Credo em cruz! Tú tá louca, Rosinha?

ROSINHA - Puis antonce pruquê tu num te garra logo na corage e num bota tudo pra fora?

ANACLETO - Credo, Rosinha, ocê tá louca? Entonce eu vô fazê uma cousa dessas?

ROSINHA - Que coisa dessa boba? Tú num veio aqui pruquê tú quiria me dizê uma cousa?

ANACLETO - Vim.

ROSINHA - Puis entonce pruquê ocê num bota logo pra fora o que ocê quiria dizê?

ANACLETO - Ah, agora que eu cumprindi. Bão, eu... eu... eu num tenho corage.

ROSINHA - É home bem disgranhento, esse diabo. Que é que ocê quiria dizê, home?

ANACLETO - Mecê já tá sabendo, num tá sabendo?

ROSINHA - Bão, qué dizê... sabendo memo num tô, tô^carculejando.

ANACLETO - Puis entonce num sacrifica, Rosinha. Suncê parece que tem gosto de inspreme a gente. Tem que ajudá um mucadinho.

ROSINHA - Ah, engraçado, e eu por acauso num tô ajudando? Que eu num tesse apertando mecê, mais de uma hora, mecê inté agora num tinha inspirrado nada. O mucadinho que inspirrou fui eu que puxei.

ANACLETO - Pois antão pruquê mecê num garra a puxá logo tudo duma veiz?

ROSINHA - Mecê qué se casá cumigo, num é Nacreto?

ANACLETO - (depois de uma risada acanhada e nervosa) Puxa vida que dessa veiz mecê deu um puxão grande memo no assunti, Rosinha.

ROSINHA - Deixa de regabofe e arresponde o que eu priguntei, Nacreto.

ANACLETO - Eu não me alembro mais o que é que ocê priguntô?

ROSINHA - (zangada) Desse geito num dá, Nacreto. Eu priguntei se ocê qué se casa comigo. Arresponde e num faiz boquinha. Qué ?

ANACLETO - Bão, qué dizê... si dê no geito, num é?

ROSINHA - Óia, Nacreto, eu vou dizê uma coisa pra ocê, bem pusitiva. Qué que eu digue?

ANACLETO - Digue.

ROSINHA - Nacreto, eu posso me casá com ocê, mas premero ocê tem que me mandá ficá uns tempo lá na cidade, mode aprendê a lê, a inscrevê e a deixá de sê bicho. Si mecê fizé isso, eu caso com mecê, doutro geito num dá.

ANACLETO - E dispois que ocê sabê, ocê lê as letra que fica disbaixo das figurinha dos livro pra mim uvi?

ROSINHA - Di certo que leio, oriessa.

ANACLETO - Entonce eu acho que por essas ingigência, a gente num vai deixá de se acertá, Rosinha. Mas adonde que ocê vai pará, lá na cidade? // Ocê num tem medo de i pra lá sósinha?

ROSINHA - Ia morá cas madre, no culêjo. Ocê pagava pra mim...

-ANACLETO - Bão, se o causo é esse...

ROSINHA - Ocê primite?

ANACLETO - Bão, de todos os modo, o Coro né Paminonda - que Deus tenha êle munto tempo lá em riba sem nós - me deixô tanto dinheiro, que o geito é memo começá a gastá êle deis de já, sinão num vai dá tempo.

ROSINHA - Isso memo. Que é que ocê arresorve?

ANACLETO - Bão, se o causo é esse de mandá ocê pra cidade, temo cunversado.

ROSINHA - Entonce bamo tratá disso o mais digero possive, tá?

ANACLETO - Tá. Aminhá memo, si mecê quizê.

ROSINHA - Tá, entonce tú já vai agora memo lá na instação pra cunversá com o seu Wardemá, priguntá pre ele o preço da passage e tudo dereitinho. Vai.

ANACLETO - Eu vou, Rosinha, eu vou.

ANACLETO SAI E ROSINHA FICA SOSINHA. MAL ELE SAI,
VEM PALMIRA PARA PERTO DELA, SORRINDO MATREIRA.

PALMIRA - Eu tava iscuitando tudo ali da ginela.

ROSINHA - Ele vai me mandá eu pra cidade, mãe.

PALMIRA - Tá bem, mas vê lá, dispois, o que é que tú vai fazê. Tu num pode fartá o teu compremisso.

ROSINHA - Tú vê que inté foi bão eu xingá Deus, mãe. Acho que ele se/ assustô-se e arresorveu me ajudá.

APROXIMAÇÃO até G.P. de ROSINHA, com os olhos brilhando de ambição.

FUSÃO com G.P. de CHEFE DA ESTAÇÃO, com os olhos muito arregalados, de pé, junto à porta que dá acesso ao Guichet da PEQUENA ESTAÇÃO DO INTERIOR.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

CHEFE - Isso que mecê tá dizendo é brincadeira ou mecê tá falando sério?

ANACLETO - Num é brinquedo, não, seu Wardemá. Nóis já cumbinemo tudo dereitinho. Eu mando ela pra cidade prendê as letra e os numbro e dispois, na vorta, ela se casa comigo e vai lê ^{as figurinhas} pra mim.

CHEFE - Na vorta?

ANACLETO - É, na vorta.

CHEFE - E ocê num tem medo que ela chegue lá, se case com outro e deixe ocê com cara de besta, apitando na curva?

ANACLETO - Uai, xente entonce a Rosinha vai me fazê uma xugera dessas?

CHEFE - E pur acauso ela num é muié?

ANACLETO - De certo, ariessa! Que fôsse home, eu num ia se casá cum ela. Nem tinha geito.

CHEFE - E ocê cunfeia nas muié intê esse ponto, Nacreto?

ANACLETO - Cunfeio. Nunca muié nenhuma feiz xugera pra mim.

CHEFE - Tombem, ocê nunca lidô com muié, que bobage! Nunca teve namorada... Iscui-ta aqui, Nacreto e mêmô que ela num faça farseta pra ocê, ocê num acha um pirigo ela i morá na cidade?

ANACLETO - Perigo pr uquê? Ela vai morá casa madre, seu Wardemá. Ocê qué mió cumpanha?

CHEFE - Bão, eu num tô aqui pra fazê a cavêra de ninguem. Tô só querendo abri os seus óio. Vai uma passage, entonce?

ANACLETO - Vai uma passage.

CHEFE - E pra quando que ocê qué? Pra aminhá?

ANACLETO - É, pra aminhá mêmô.

SEU WALDEMAR, O CHEFE, ENTRA E VAI PARA O GUCHET.

ANACLETO - Quanto mais digero ela fô, mais digero ela vorta.

ANACLETO TIRA UM BOLO DE DINHEIRO DO BOLSO
E COMEÇA A CONTAR DIANTE DO GUICHET.

APROXIMAÇÃO até G.P.de ANACLETO, feliz.

AUDIO - MUSICA PARA FINAL DO 1º ATO.

- FIM DO 1º ATO.

- PUBLICIDADE COMERCIAL

- Estamos apresentando

UMA ROSA SEM PERFUME

- Original em 3 atos de

ERICO GRAMER

- 2º ATO

AUDIO - MÚSICA PARA INÍCIO DO 2º ATO

ABERTURA EM P.P. de TICO, negrinho caí
pira, desdentado, sentado na gare da es
tação, levando um taboleiro com doces.

FUNDE COM APITOS DE TREM AFASTADOS E
RUIDO DE TREM QUE VAI SE AFASTANDO.

TICO OLHA PARA A EXTREMIDADE DA GARE, OÍD E ESTÁ
ANACLETO, ABANANDO PARA LONGE.

TICO - É cousa bem triste quando um home
deixa uma mui'e apialá êle nos pé detraiz.
Óia só o geito do Nacreto! Inté parece
que a Rosinha deu agua de banho piqueno
pro home bêbê.

CORTE

P.A. de ANACLETO, abanando para longe

CORTE

P.A. de TICO, no Banco da Gare

TICO - Os otro que viero trazê ela, tudo
já foram simbora, o bobaião boca aberta,
ficô ali, saculejando o braço com o lenço
na ponta. Ela nem tá mais vendo ele.

TICO DEIXA O BALAIO ONDE ESTÁ E VAI PARA O GUCHET,
ONDE ESTÁ WALDEMAR, O CHEFE DA ESTAÇÃO.

TICO - Óia lá, veje lá o causo do Nacreto.
O trem inté já sumiu lá na vorta e o diab
do home inda persegue sacudindo o braço.
Será que ele pensa que os óio da Rosinha
pode vará os caminho?

CHEFE - Isso é um bobaião que anda aí.

A viva da Rosinha vai cumê o dinheiro de tudo, ocê vai vê.

TICO - Será que ele num tá vendo que o trem já sumiu, seu Wardemá?

CHEFE - Vai lá e acorda ele.

TICO - Vô lá memo, sinão o home fica o resto da vida saculejando o braço.

TICO CAMINHA PARA ANACLETO E BATE-LHE NO OMBRO.

TICO - Nacreto, o Nacreto? Ocê num tá vendo que o trem já sumiu?

ANACLETO - Sumiu?

TICO - Sumiu, home.

ANACLETO - Eu tô banando pra Rosinha.

TICO - Eu sei, mas n'essa hora ela já num tá vendo mais nada que ficô pra traiz.

ANACLETO - Será?

TICO - Di certo, home. Se ocê num vê mais nem o trem, como é que ocê vai querê que ela veje nós?

ANACLETO - (ingênuo) É, num é?

TICO - Di certo que é.

ANACLETO - Eu vô senti uma farta dela, rapaiz!...

TICO - Pruquê mecê deixô ela i simhora?

ANACLETO - Ela qué instudá... qué sê gente. Tá direito, num tá?

TICO - Óia, Nacreto, tú qué sabê duma cousa? Eu é que num dô parpите memo, pruquê num tenho nada com isso. Cada um, cada um, mas muié sabida, pra mim num servia. As ingonorante já inbruia a gente, quanto mais as sabida.

O CHEFE DA ESTAÇÃO ENTRA EM QUADRO.

CHEFE - Ô Tico, tú qué ganhá uns trocado?

TICO - Oriessa, seu Wardemá, que prigunta! Inda mais hoje, que eu num vendi nem um doce pra remédio. Uns miserave que passaro no trem que Deus me livre!

CHEFE - Viero aí dois caixote pro armazem do seu Laut'erio. Tú leva eles lá que ele te paga o carreto.

TICO - Tá, entonce mecê guarda os meus doce, por inquanto eu vô entregá os caixote do seu Lautério, que dispois eu vorto pra esperá o trem das cinco e vê se vendo alguma cousa pra esses disinfiliz.

TICO PEGA O TABOLEIRO E ENTREGA PARA O CHEFE QUE O COLOCA DENTRO DA ESTAÇÃO E VOLTA PARA A PORTA.

TICO - Adonde que tá os caixote?

CHEFE - São aqueles dois que tão lá na quele canto. Tu querendo levá no carrinho de mão, dispois traiz ele de vorta.

TICO - Tá, seu Wardemá, brigadinho. Eu vô tirá eles pur lá que fica mais dereto.

TICO DÁ A VOLTA E DESAPARECE DE QUADRO. O CHEFE SE APROXIMA DE ONDE ESTÁ O ANACLETO, PARADO.

CHEFE - Ué, seu Nacreto, ainda tá por aqui?

ANACLETO - Tô seu Wardemá. Parece que por inquanto eu tô aqui num tô tão longe da Rosinha.

CHEFE - Diga uma cousa, seu Nacreto: o sinhô num acha que é pirigo a Rosinha sôrtá lá pula cidade?

ANACLETO - Mas que sôrtá, seu Wardemá?! Ela num vai ficá sôrtá. Eu já disse pro sinhô que ela vai pra uma casa de ermã. Chama de ponsionate. Só pode saí duas veiz por sumana e anssim m^o tem que vortá cedo.

CHEFE - Ah, bueno, entonce anssim já é de ferente.

ANACLETO - E de outro jeito eu num deixava ela í, que eu num sô trouxa. Ou mecê acha que eu sô?

CHEFE - Não, eu num tô dizendo nada. (TOM) E ela vai dimorá muito por lá?

ANACLETO - Ela qué tirá um ploma. Disse que premero tem que tirá ele e que dispois que tirá esse ploma, que aí ela vorta.

CHEFE - Mas isso parece que dimora, num é?

ANACLETO - Eu num sei. Eu até ia priguntá pro sinhô.

CHEFE - É, pulo meno uns dois ano, pra mais, eu acho que leva.

ANACLETO - Tanto anssim, seu Wardemá?

CHEFE - É o que eu vejo dizê.

ANACLETO - Que vale que a gente trabaiando passa digero. A gente nem sente. Quando se dá conta, já passô.

CHEFE - Bão, isso é memo. O trabaio é o que mais disfalça.

ANACLETO - A Rosinha é munto catita; o sinhô num acha, seu Wardemá?

CHEFE - Ela é uma moça bem paricida, sim, num hay dúvida. Esse negócio de i pra longe é que eu num posso enguli.

ANACLETO - Ela quiz i, o que 'e que eu ia fazê? Disse que quiria deixá de sê bicho.

CHEFE - Bicho? Mas entonce por acauso eu sô bicho, seu Nacreto? O sinhô é bicho? As pessoa tudo que vêve aqui é bicho? Óia que isso intê é um disafôro da Rosinha dizê. Mas deixa, deixa que o dia que eu incontrá ela outra veiz de novo, eu vou dá a reposta que ela merece uvi.

FUSAO com G.P. de ROSINHA, toda arrumada para sair, já em trajés de cidade, e conversando com Adélia que, de pijame ou baby doll, está deitada por cima das cobertas e tem um livro aberto nas mãos.

ADELIA - Você vai sair, Rosinha?

ROSINHA - Vou jantar com o Milton. Estamos comemorando, hoje, o primeiro aniversário do nosso namoro.

ADELIA - E como conseguiu licença para sair, não sendo dia?

ROSINHA - A tia dele se apresentou à madre como sendo a minha madrinha e conseguiu uma licença especial, alegando que era aniversário dela.

ADELIA - Ele agora não te traz mais até à porta do pensionato, por que?

ROSINHA - Pois você não soube o que aconteceu? O Caipira escreveu - quer dizer escreveu... escreveu não, que ele não sabe escrever, mandou alguém escrever para a madre, dizendo que eu tinha compromisso de casamento com ele e que ^{ela} evitasse que qualquer rapaz se aproximasse de mim, tentando conquistar-me.

ADELIA - E ela mostrou a carta pra você?

ROSINHA - Mostrou e agora anda me controlando. Quando ele quer falar no telefone comigo, tem que pedir a uma irmã pra me chamar, sinão a superiora diz que eu não posso atender.

ADELIA - Quem sabe ele desconfiou alguma coisa por causa dos seus gastos? Você gasta demais, Rosinha. Nem sei como ele não reclama.

ROSINHA - Ele nem sabe o que tem. Pode gastar o dôbro que não lhe faz falta.

ADELIA - Eu sei, você já me disse, mas a questão é que no primeiro ano você não gastava nem a terça parte do que gasta agora. Isso é que ele pode desconfiar.

ROSINHA - E você acha que eu podia deixar o Milton desistir dos estudos por falta de recursos para custeá-los, tendo facilidade de pagar pra êle? Mandei dizer que tudo havia subido de preço e pedi que me mandasse o dôbro.

ADELIA - Escuta aqui, Rosinha, você paga apenas os estudos para ele? O que se comenta por aí não é apenas isto.

ROSINHA - E o que é que se comenta, Adelia? Diga. Eu gostaria de saber.

ADELIA - Bem... o que dizem é que até roupa você compra para ele.

ROSINHA - Pois é verdade, pronto. E acho que ninguém tem nada com isto. Nós somos noivos, vamos nos casar quando ele estiver formado e eu não acho nada de mal ajudar a uma pessoa que precisa.

ADELIA - Bom, eu também não acho nada de mal ajudar a quem precisa, mas não da maneira como você faz: com dinheiro alheio e traindo a pobre vítima.

ROSINHA - Óra, vamos, Adelia! Deixe de ser puritana. Você não sabe que os trouxas nascem para serem explorados pelos espertos? Eu não tenho culpa que o Anacleto seja trouxa, tenho?

ADELIA - Não, mas tem culpa de fazer a esparta e estar explorando o pobre coitado.

ROSINHA - Entre ser trouxa ou esperta, eu prefiro ser esperta, minha cara. E voçê?

ADELIA - Eu, por mim, prefiro ser digna e honesta.

AUDIO - PAULADA MUSICAL

ROSINHA - Como?! O que é que você está querendo dizer com isto? Você pensa que existe algo mais entre mim e o Milton? Se pensa, está muito enganada, Adelia.

ADELIA - Mas a honestidade não está situada apenas nesse algo mais, Rosinha. A gente pode ser deshonesta de muitas maneiras. A sua maneira, por exemplo, é uma.

ROSINHA - Ih, Adélia, você está impossível hoje. Até parece irmã Remédios com as suas chatíssimas lições de moral. (imitando) A moça que é nobre e digna, não deve andar na rua depois que escurece. Não deve ir ao cinema porque fica no escuro. Não deve cruzar as pernas porque mostra os joelhos. Não deve fazer isto, não deve fazer aquilo, não deve fazer aquilo. Deus me perdoe! Eu acabava louca, se pretendesse seguir uma terça parte das suas recomendações.

ROSINHA VAI ATE A JANELA. ABRE A VENEZIANA E
ESPIA PARA A ESQUINA. TORNA A FECHAR A JANELA

ROSINHA - Ih, o meu amor já está lá na esquina à minha espera.

CORRE AO CABIDE. PEGA UMA MANTA OU UM CASACO

ROSINHA - Até logo, Irmã Remédios,
CORRE PARA A PORTA, RINDO E SAÍ PELA CAMERA.
ADELIA FICA OLHANDO UM MOMENTO PARA ONDE ELA
SAIU. ABANA A CABEÇA.

ADELIA - Palavra de honra que eu, às ve

ADELIA - (CONT.) zes tenho vontade de escrever ao noivo dela e contar tudo que está se passando aqui. O coitado lá, na maior boa fé, mandando e mandando dinheiro e ela aqui a gastar com um rapaz sem eira nem beira, que a gente está vendo que é um grande explorador. Eu ainda quero ver ele casar com ela, para acreditar. No dia que faltar dinheiro, a primeira coisa que ele vai fazer é mandá-la às favas. Basta olhar para êle, para ver-se o viveracho que é.

APROXIMAÇÃO até G.P. de ADELIA •

FUSÃO com G.P. de PALMIRA, lavando roupa numa tina, na frente do cenário de - RANCHO DE TAIPA.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

ELA TORCE UMA PEÇA DE ROUPA, EXTENDE NA CORDA. COMEÇA A ENSABOAR E LAVAR A OUTRA PEÇA, QUANDO CHEGA CLEMENTINO.

CLEMENTINO - Bãos dia, nhá Parmira, como vai suncê?

PALMIRA - Aqui, como Deus qué, seu Cremen-
tino. *(Para de lavar)*

CLEMENTINO - Sempre trabaiando, num é vredade

PALMIRA - O que é que a gente vai fazê, num é memo? A gente percisa.

CLEMENTINO - A senhora me descurpe eu metê a minha cuiê tolta, mas o Nacreto num ajuda a senhora? *(Recomeça)*

PALMIRA - Óia, seu Crementino, pra dizê memo a vredade, êle nunca me deu nada. E como todos diz que ele gasta munto lá ca fia, eu tenho vregonha de pedi mais eu.

CLEMENTINO - Ê, disse que ele gasta memo. Otro dia, lá na botica do seu Indalécio, êle tava se queixando que é um mandá de dinheiro que num tem mais fim.

PALMIRA - Eu intê fico com vregonia, o si nhô sabe? Eu num posso sabê em que essa ra pariga gasta tanto dinheiro. Diz que os ins tudo é caro, a gente sabe...

CLEMENTINO - Pois é, mas o sêu Indalécio tava dizendo pre ele, que as treis minina do coroné Zifirino Fiaio tão lá instudando e que, as treis junta, num gasta a metade do dinheiro que êle manda todos os mêis pra Rosinha.

PALMIRA - Eu tenho medo é que mais aminhã mais dispois, cumecem a metê coisa na cabeça dele e ele num quera mais se casá com ela.

CLEMENTINO - Mais aminhã, mais dispois? Já começaro a metê que eu tô cansado de uvi. Otro dia intê a sia Barbina das empada ta va dizendo pre ele: "deixa de sê bobo, Na creto. Tú num vê que ela tá te enganando tú? Dá um chute nela e ranja outra."

PALMIRA - *(Para de lavar)* Si eu sabbesse inscrevê, eu manda va conseio pre ela.

CLEMENTINO - Num ia diantá, nhá Palmira. Muié, quando tá ca cabeça virada, num is- cuita conseio de ninguem. Suncê num divia era tê deixado ela í. Agora que ela já tá lá, vai sê munto difirci fazê ela vortá.

PALMIRA - Deus que me perdoe! Isso intê parece um castigo pra minha imbição.

CLEMENTINO - Deus num gosta das cousa que num é feita com boas tenção. Eu sempre dis se.

PALMIRA - Sabe que às veiz eu tenho vonta de de pidi pro Nacreto pra num mandá mais dinheiro pre ela, pra ubrigá ela a vortá?

CLEMENTINO - Puis antão eu vô le dizê que num precisa pidi, praquê ele num vai man-

CLEMENTINO - (CONT.) dá mais. O seu Indalécio da botica foi que convenceu êle. E vô dizê mais outra coisa pra sun cê: a fia do seu Marcilino lá do tambo, a Catarina, já andá dando vortinha com êle faiz munto tempo.

PALMIRA - Ah, entonce por isso que faiz tanto tempo que ele num vem aqui. Di cer to ela num deixa ele vim.

CLEMENTINO - Ou êle mêmo que num qué vim. A gente num sabe.

PALMIRA - É, seu Cremantino, a Rosinha tanto brincou com fogo, que eu acho que é cabô se queimando. *(Volta a levar)*

CLEMENTINO - Deus Nosso Sinhô num gosta das coisa mar feita e por isso que ele acaba butando sempre tudo nos lugá.

APROXIMAÇÃO até G.P. de CLEMENTINO

CLEMENTINO - Das veiz dimora um pouco das coisa tumá geito, mas sempre acaba tumando.

FUSÃO com: G.P. de TICO, conversan do com o CHEFE, na gare da
- ESTAÇÃO DO INTERIOR -

ÁUDIO - PASSAGEM MUSICAL

TICO - Seu Wardemá, se eu dissé uma cou sa pro sinhô, o sinhô vai dizê que é vi- sage, mas eu juro pra mecê como eu vi com esses ôio que a terra é de cumê.

CHEFE - E o que foi que tú viu, Tico?
Manda logo, num fica fazendo rodinha.

TICO - Eu vi o Nacreto, noivo da Rosi- nha, passiendo de mão dada ca Catarina do seu Marcilino do tambo.

CHEFE - E tú pensa que tú tá me contando nuvidade? Eu já sabia.

TICO - Será que ele adesmanchô o cumprea misso ca Rosinha?

CHEFE - Disse que vai desmanchá. Tombem, pudera! Disse que ela tá se divertindo lá que faiz gôsto. Lá na botica é que eu contaro tudo pre êle. Arrumaro intê um retrato, adonde os dois tão passiendo de mão junta.

TICO - Os dois? Que dois?!

CHEFE - A Rosinha e o cujo que ela arrumô lá pra se divertir.

TICO - Nossa Senhora dos Engañado! E como é que êles foram sabê, aqui de tão longe?

CHEFE - Pois disse que ela tinha uma cumpã nhera de quarto, lá no culêjo das ermã, que era uma moça munto direita e vivia dando consêio pre ela. Ela, que quiria mêmô era se divertir, acabô enjoando a moça e brigando com ela. Daí, disse que a moça arrumô a deração do Nacreto e mandô uma epistóla pra ele.

TICO - Uma pistola, seu Wardemá?! Será pra ele matá a Rosinha?!

CHEFE - Não, rapaiz! É cousa bem triste as pessoa ingonorante. A moça mandô uma epistola pra êle, relatando tudo.

TICO - Mas entonce pra que a pistola, seu Wardemá? Num tô entendendo?

CHEFE - Mas quem é que falô em pistola, rapaiz?

TICO - O sinhô mêmô. Pois o sinhô num disse que a moça mandô uma pistola pro Nacreto?

CHEFE - Uma empistola. Uma empistóla qué dizê uma carta, Tico.

TICO - Ah bão, eu num sabia, pur isso que eu num tava comprendendo as cousa direito. Agora eu já tô sabendo. Mas antão a Rosinha tava tapiando o Nacreto?

CHEFE - Tapiando e tapiando grosso.

TICO - Pois é, mas agora eu quero vê como é que ela vai se arrumá.

CHEFE - Se arruma e se não se arrumá tem que vi de vorta.

TICO - E é bão que venha, porque pulo meno acumpanha a mãe que vêve aí sósinha, a pobre infiliz.

CHEFE - Mas diz que ela véve porque qué.

Que foi ela mema que meteu na cabeça da fia de se casá com o Nacreto, dispois do Nacreto ficá rico.

TICO - Pois é, pur isso é que eu acridito naquela Ofrásia que o Deus num joga mas fiscalisa. Óia aí. Num fartô quem abrisse os óio do Nacreto, pra mode as cousa vortá tu do pros seus lugá. Deus é o malhor, seu ~~Xm~~ Wardemá, e o resto tudo é bobage!...

AUDIO - MÚSICA PARA FINAL DO 2º ATO.

APROXIMAÇÃO até G.P.de TICO.

- Fim do 2º Ato.

- Estamos apresentado

- UMA ROSA SEM PERFUME

- Original em 3 atos de ERICO CRAMER.

- 3º ATO.

AUDIO - MÚSICA PARA ABERTURA DO 3º ATO.

ABERTURA em G.P. de ANACLETO, sentado no banco da estação, com uma carta na mão - ESTAÇÃO POBRE DO INTERIOR -

ANACLETO - Tá demorando pra burro esse dia cho desse trem. Tombem... o dia que ele num dimorá, a gente tem que mandá sortá uns fo guete.

ELE LEVANTA E VAI NA PORTA QUE DÁ PARA DENTRO DA ESTAÇÃO OLHAR O RELÓGIO.

ANACLETO - Nem sei que hora que é agora, só sei que ^{o trem} ~~ele~~ devia chegá uns risquinho dispois do meio dia.

ENTRA NA PORTA E VAI ATE O RELOGIO. CALCULA UM PALMO E VEM COM A MAO ESPALMADA PARA A PORTA OUTRA VEZ.

ANACLETO - Tá com um parmo de atrazo, sem tirá nem butá. Que vale que eu já tava ingperano isso memo e truxe intê o armoço e o luncho da tarde, pra cumê ele aqui se tivesse vontade.

ANACLETO VAI PARA O BANCO ONDE DEIXOU UMA CESTINHA

PEGA A CESTA E TIRA DE DENTRO DELA UM PÃO
CACETE COM MORTADELA E QUEIJO. DESEMBRULHA
E SE PREPARA PARA COMER.

ANACLETO - O armoço eu já cumi faiz hora
e agora o luncho eu vô cumê tombem.

COMEÇA A COMER O PÃO, MASTIGANDO COM ESPALHA
FATO. POCOS MOMENTOS DEPOIS ENTRA CATARINA,
TODA NERVOSA E APRESSADA. CORRE PARA ANACLETOZ

CATARINA - Ah, Nacreto, eu tava te percu-
rando numa ingunia que nem sei. Tú já man-
dô a carta?

- ANACLETO - (mastigando) Mandei, não. O mar-
vado do trem até agora num passô. Já armo-
cei aqui e agora tô tomando o meu luncho
que eu já tava com fome outra veiz.

BOTA O PÃO NA ALTURA DA BOCA DE CATARINA

ANACLETO - Qué dá uma dentada?

CATARINA - Quero, não, Nacreto. Num tenho
vontade.

ANACLETO - O que é que tú tava me percuran-
do, que tú ainda num disse?

CATARINA - Pois eu vim, mode que mecê me
pidiu pra inscrevê a carta adesmanchando
o casamenti ca Rosinha, num foi?

ANACLETO - Foi. Pidi.

CATARINA - E eu inscrivi a carta, num foi?

ANACLETO - Foi, Inscreveu.

CATARINA - E eu entreguei a carta pra ocê
trazê no trem, num foi?

ANACLETO - Foi, intregô.

CATARINA - E mecê trouxe a carta, num foi?

ANACLETO - Foi. Eu trouxe. E daí?

CÁRARINA - E daí que dispois eu me alem-
brei que eu quiz xingá ela de assanhada,
mas num botei o rabinho no cê.

ANACLETO - E só por isso, mecê veio correndo que rem uma danada, atraiz da carta? Deixa o cê i anssim mêmo sem o rabinho. Ele num vai percisá do rabinho pra nada...

CATARINA - Mas o causo é que se eu deixá anssim como tá, em veiz de xingá ela, como eu quiria, eu tô fazendo um elógio.

ANACLETO - Ariessa! Como é que pode sê?

CATARINA - Se eu inscrevo que ela 'é assanhada e num boto o rabinho no cê, eu tô chamando ela de acanhada, sabe como é?

ANACLETO - Num sei, mas se mecê tá dizendo é praquê é.

CATARINA - Deixa eu vê a carta, mode cunfiri.

ANACLETO TIRA A CARTA DA CINTURA E ENTREGA A CATARINA.

ELA ABRE A CARTA, DESCOLANDO O ENVELOPE. CONFERE.

CATARINA - Tá vendo, ó: veja bem o que é que tá inscrivido aqui: vancê é uma muié munto acanhada. E num era isso que eu quiria dizê.

CATARINA TIRA UM LÁPIS DO BOLSO, MOLHA A PONTA DA BOCA, BOTA A CARTA NO BANCO E FAZ UM CEDILHA NO CE.

CATARINA - Agora é que tá dereito: vancê é uma muié munto assanhada.

CATARINA TORNA A BOTAR A CARTA NO ENVELOPE, FECHA DE NOVO, PASSA CUSPE NO ENVELOPE, VE QUE O PAPEL NÃO QUER PEGAR E SENTA EM CIMA.

CATARINA - Agora eu amostro si ele pega ou não pega. (TOM) Dá um naco, Nacreto. Agora eu tô com vontade.

ANACLETO EXTENDE O BRAÇO E BOTA O SANDWICH A ALTURA DA BOCA DE CATARINA QUE TIRA UM PEDAÇO E FICA MASTIGANDO.

CATARINA - Nacreto, tú é capaiz de me arrespondê uma cousa que eu vô te priguntá pra tí?

ANACLETO - Que eu pudê arrespondê, eu ar respondo.

CATARINA - Tú tá tristo de triminá o cum premissa ca Rosinha?

ANACLETO - Triste pru quê?

CATARINA - Num sei, tô te priguntando.

ANACLETO - Óia, tú qué sabê a vredade, Catarina?

CATARINA - Quero, tô te priguntando.

ANACLETO - Pois 'óia, pra d'izê memo a vredade, eu nem tô ligando. Eu já tava tão acostumado ca osência dela, que nem me faiz mofa.

CATARINA SE APROXIMA DE ANACLETO, SE SACUDINDO TODA, RISONHA E DESAGEITADA.

CATARINA - Ai, que bão que tú tá me dizendo isso, Nacreto! Sabe que das veiz eu ficava piropada de querê sabê? Agora já sei. E tú num qué tombem sabê alguma coisa de mim?

ANACLETO - Pra que?

CATARINA - Pra sabê, ariessa!

ANACLETO - O que eu quiria sabê tú já me disse: que tu gosta munto de mim.

CATARINA - E tú acha memo que eu gosto, Nacreto?

ANACLETO - Acho. Eu te priguntei, tú disse que gosta...

CATARINA - Duma coisa tú pode tá bem certo: eu nunca vô fazê tú de paiço, que nem ela.

ANACLETO, SEM OLHAR PARA ELA EXTENDE-LHE O SANDWICHE QUE ELA MORDE, TIRA UM NACO E COMEÇA A MASTIGAR. ELE, A SEGUIR FAZ O MESMO E OS DOIS MASTIGAM, RISONHOS, OLHANDO-SE DE RABO DE OLHO.

APROXIMAÇÃO até P.A. dos DOIS.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com P.A. de ROSINHA e MILTON, sentados no - RECANTO DE JARDIM COM BANCO.

ELA TEM UMA CARTA NA MÃO E SE MOSTRA COMPLETAMENTE DESAGRADADA. ELE ESTA AO LADO DELA, DE CARA FECHADA.

ROSINHA - Você não quer ver o desaforo desse caipira?

MILTON - O que é que ele fez?

ROSINHA - Leia esta carta e veja.

ELE PEGA A CARTA, OLHA COM AR DE NOJO E DEVOLVE

MILTON - E você acha que eu vou entender os garranchos desse cara?

ROSINHA - Nem são dele, porque nem isso ele sabe fazer.

MILTON - Seja lá de quem fôr, não me interessa, o que eu quero saber é o desafôro que você falou.

ROSINHA - Desmancha o casamento comigo!

AUDIO - ACORDE DE PAULADA BRUTAL

MILTON - Não diga! (ingênuo) Mas por que? O que aconteceu?

ROSINHA - Óra, por que?! Mandaram dizer pra ele, alguém daqui, que eu e você nos namoramos e andamos juntos para toda parte.

MILTON - Escreva logo pra ele e mande dizer que é calúnia. Jure, até, se preciso fôr.

ROSINHA - Não adianta, ele diz aí que mandaram um retrato nosso, onde nós estamos de mãos dadas.

AUDIO - ACORDE DE SUSTINHO

MILTON - A la fresca, agora já ficou mais dura a mão. (Pausa. Ambos pensam)

MILTON - Mas quem será que fez essa ursada pra gente?

ROSINHA - Eu acho que foi a superiora do pensionato. Ela andava me cuidando...

MILTON - O negócio da fotografia de mãos dadas é que foi o buraco. (Pausa) Escute aqui, eu tive uma ideia.

ROSINHA - Diga.

MILTON - Você manda dizer pra ele, que esse rapaz com quem você está de mão, que é um ceigo que ~~vive~~ morava perto do pensionato e que você, todo dia, ajudava êle a atravessar a rua. Manda jurar até pela sua mãe que há uma grande intriga em tudo isso e eu estou certo de que você acaba convencendo o caipira.

ROSINHA - Sempre aparece um boi corneta pra se meter na vida da gente, você não há de ver?

MILTON - Mas você faça o que eu estou lhe dizendo, porque eu tenho certeza que você continua embrulhando o caipira.

ROSINHA - Não, escrever não adianta. O melhor de tudo é que eu vá até lá para falar pessoalmente com êle. Aí sim, aí eu tenho certeza que consigo tudo.

MILTON - Pois então vá. Você tem dinheiro?

ROSINHA - Ele mandou um cheque de trinta mil cruzeiros, dizendo que é o último e que eu trate de pagar, com êle, as dívidas que eu tenho por aqui, porque não vem mais nem um vintem.

MILTON - Pois então me dê esse cheque, que eu já vou receber, já compro a sua passagem e você vai lá defender a gaita do caipira que é o nosso pão.

MILTON TIRA DA MÃO DE ROSINHA A CARTA QUE ELA TEM. ABRE. TIRA UM CHEQUE DE DENTRO. EXAMINA-O. TIRA UMA CANETA DO BOLSO E ENTREGA A ELA AS DU AS COISAS, AO TEMPO QUE FALA.

MILTON - O cheque é nominal, você tem que assinar aqui para eu poder receber.

ROSINHA ASSINA. ELE SORRI CANALHA. GUARDA O CHEQUE E A CANETA.

MILTON - Depois do almoço eu lhe trago a passagem.

ROSINHA - A passagem só, não. O dinheiro também.

MILTON - O dinheiro, não. O dinheiro vai ficar aqui como garantia, porque se você não conseguir nada, não vai ver nem um vintem desse aqui.

AUDIONA ACORDE DE SUSTO TREMENDO.

ROSINHA - Milton! Você não está falando sério comigo, está?

MILTON - Claro que estou! Ou você pensa que eu me interesso mais por você do que pela gaita? Nada disso, filhinha. E depois, esse miserável mandou só trinta mil ... (olha o cheque) Se tivesse mandado mais, ainda eu podia dar um pouco a você, mas isso aqui não é nada. É uma gaita muito mixuruca. Nem vai dar para a metade do que eu queria fazer.

ROSINHA - Milton, eu nunca imaginei que você pudesse ser tão canalha!

MILTON - Ah é?! E você acha que é menos, fazendo o que você faz?

ROSINHA - O que?! E você ainda me acusa? Esquece que tudo que fiz foi por amor a você? Saia, daqui, ande. Desapareça da minha frente. Não quero mais vê-lo.

MILTON - Óra, Rosinha, deixe-se de tragédias. Isso já não se usa mais.

ROSINHA - Desapareça da minha frente, canalha! Não ouve?

ELE DESAFIA ROSINHA, BOTANDO O ROSTO BEM AO ALCANCE DA MÃO DELA.

MILTON - Deixe-se de fricotes. Você quer mesmo que eu desapareça?

ROSINHA - Milton, saia de perto de mim, por favor. Eu não sei o que serei capaz de fazer. Vá embora, leve esse cheque e não apareça nunca mais na minha frente!

MILTON - (canalha) Eu vou, sim, mas antes você tem que me dar um beijinho de despedida.

ELE CHEGA MAIS EM CIMA DELA, TENTANDO BEIJÁ-LA.

ROSINHA RECUA E DA-LHE UMA TREMENDA BOFETADA. ELE SE ENFURECE. AGARRA-A PELOS OMBROS E SACODE-A COM FÚRIA.

MILTON - Caipira de uma figa! O que é que você está pensando de mim? Cara que mãe beijou, vagabunda nenhuma dá pancada, tá ouvindo? Não te quebro essa fachada porque é covardia dá na cara de mulher, mas o conselho que te dou é que nunca mais te metas a fazer o que fizeste agora.

ATIRA COM ELA QUE CAI SOBRE QUALQUER COISA, E FICA OLHANDO ASSUSTADA PARA ELE.

MILTON - E trata de arranjar a gaita, tá ouvindo? Porque sem gaita, com essa cara, tú só pode apanhá é resfriado.

MILTON SAI ABRUPTAMENTE, DEIXANDO ROSINHA SÓ. ELA QUER CHORAR E NÃO PODE. POR FIM DEITA A CABEÇA NO BRAÇO E DESATA A SOLUÇAR PROFUNDAMENTE.

APROXIMAÇÃO até G.P. de ROSINHA

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com: G.P. de PALMIRA, lavando roupa a frente do - RANCHO DE TAIPA.

DEPOIS DE ALGUNS MOMENTOS CHEGA CLEMENTINO

CLEMENTINO - Bãos dia, nhá Parmira.

PALMIRA - Bãos dia, Crementino.

CLEMENTINO - Nhá Parmira, inda que mar priguente, é mêmo vredade que nhá Rosinha mandô chama o Nacreto, mode falá com ele?

PALMIRA - É vredade, sim.

CLEMENTINO - Pois óia, eu acho que ela num divia.

PALMIRA - Eu tombem acho e disse pre ela, mas ela disse que veio de tão longe só pra falá com ele, que agora, na úrtima hora, num ia digisti.

CLEMENTINO - Mas o causo é que ele contô pra todo o mundo que ela chegô e mandô chamá ele e todo mundo anda dizendo que ela qué fazê as paiz com ele.

PALMIRA - E qué mêmo. Ela me disse. Disse que a inlosão dela da cidade já passô e que agora ela tá desposta a se casa-se com ele e vivê na fazenda.

CLEMENTINO - Pois é, mas eu acho que agora ele num qué mais. Ele anda aí nuns regabofeca Catarina que nem sei... E é uma pena, ~~naix~~ porque o rapaiz é bão!

PALMIRA - Óia, e por falá no burro, apontô as orêia. Lá vem a Catarina.

CLEMENTINO - Ih, deixa eu i lá avisá a Rosinha, praquê anssim, si ela num quizê arrecebê, ela manda dizê que num tá.

PALMIRA - É Crementino, vai lá avisá ela que eu aqui arrecebo a outra.

CLEMENTINO ENTRA PARA O RANCHO E PALMIRA VOLTA A ENSABOAR ROUPA POR ALGUNS MOMENTOS. ENTRA CATARINA

CATARINA - Bãos dia, nhá Parmira.

PALMIRA - Bãos dia Catarina. Que milagre tú aqui no meu rancho.

CATARINA - Milagre mesmo, mas das veiz os milagre acuntece.

PALMIRA - Te assenta. Num paga nada.

CATARINA - Num paga a pena sentá. Eu vim só trazê um recado. A Rosinha chegô, num foi?

PALMIRA - Chegô. Onte de minhã.

CATARINA - Ela mandô um recado pro Nacreto; num foi?

PALMIRA - Num sei. Parece que mandou.

CATARINA - Eu vim trazê a resposta que o Nacreto mandô. Ela num tá aí?

CORTE

P.A.de ROSINHA, na porta do rancho, olhando Catarina de cima.

ROSINHA - Estou aqui, sim? Você queria falar comigo?

ROSINHA CAMINHA PARA ONDE ESTÁ CATARINA.

PAN. HOR. acompanha ROSINHA, até enquadrar CATARINA e PALMIRA no fundo.

CATARINA - Quiria. Vim trazê um recado do Nacreto pra mecê.

ROSINHA - Nesse caso... pode dizer ao que veio.

CATARINA - Ele disse pra mim que eu dissesse pra mecê que num dianta me cê mandá chamá êle, mode que ele num gosta de muié farsa, tá? E o resto, dispois, é cumigo, tá?

CATARINA DÁ UMA CUSPARADA NOS PES DE ROSINHA QUE LIGEIRO RECUA PARA NÃO SER ATINGIDA.

ROSINHA - Si era só isto que tinha para me dizer, pode dar volta e dizer a êle que eu estou ciente.

CATARINA - E si mecê mandá chamá ele outra

CATARINA - (CONT.) veiz, pode ficá sabendo que vai tê. O home agora é meu, ninguem tem que butá a mão, tá? Eu sô danada de braba, pra dismontá uma muié, fica tú sabendo. Tú qué sê dismontada, brinca comigo, tá?

ROSINHA - Está bem, pode ir tranquila e dizer ao seu Anacleto que eu não o incomodarei mais. Pensei que ele ainda guardasse por mim um resto de ilusão, mas se ele já lhe pertence, é porque também me traiu e eu não desejo mais vê-lo.

CATARINA - Ah que ingraçado! E ocê num traiu ele premero? Que é que quiria que ele fizesse? Que cuntinuasse fazendo papé de trouxa? Essa não, Rosinha. Tão bão como tão bão. A gente vai coiê aquilo que samei a, tá? E agora eu vô simhora que eu num tenho mais nada pra dizê. ^{ta?} Intê.

CATARINA FAZ UM GESTO DE ADEUS E SAI POR ONDE ENTROU. ROSINHA DEIXA-SE CAIR TRISTOMHA NO ASSENTO MAIS PRÓXIMO. FICA PENSATIVA. PALMIRA SE APROXIMA DELA, COMPADECIDA. NÃO DIZEM UMA PALAVRA UMA PARA A OUTRA. ELA SE ABRAÇA NAS PERNAS DA MÃE QUE LHE APAGA A CABEÇA E COMEÇA A SOLUÇAR BAIXINHO. APROXIMA-SE, VINDO DE DENTRO, O PRETO VELHO CLEMENTINO.

CLEMENTINO - Minha fia, tudo isso acunteceu sabe pru quê? Pruquê mecê num andô de reita e Deus Nosso Sinhô num gosta de pessoa que faiz anssim. A moça deve de sê ~~uma~~ como a frô, minha fia, mas uma frô que tenha beleza e prifume. E suncê, Rosinha, suncê só tinha beleza, mas ~~XXXXXX~~ prifume... num tinha. É bão que suncê aprenda a lição e se arrependa e que outro home que possa se aproximá de suncê se apro

CLEMENTINO - (CONT.) xime pulo perfume do seu coração, pra que suncê num role de mão em mão, pra no fim sê apisoteada e amisturada ca lama do chão, como sempre acuntece cas moça que véve enredada na mintira, enganando os otro. O que acunteceu com suncê num foi um castigo. Foi uma lição. E Deus primita que suncê tenha aprindido ela!

APROXIMAÇÃO até G.P. de ROSINHA limpando as lágrimas dos olhos com as pontas dos dedos.

SUPERPOE

- FIM
- Retira a superposição.
- Encerramento.

AUDIO - MUSICA PARA FINAL DO 3º ATO.

AUDIO - DISSOLVE.